

Para que possam compreender todo o sabor desta pequena narrativa, devo começar por confessar-lhes que sou uma linda mulher. Se pensam que há qualquer despropósito na minha maneira de dizer, acho preferível que se voltem para outras histórias, contadas por pessoas cujas noções de modéstia feminina sejam semelhantes às vossas. A prova de que sou bela é o facto de os homens gastarem uma porção de tempo e dinheiro, tornando-se ridículos à minha volta, fazendo assim que, embora não passe duma beldade provinciana, seja tão entendida em galanteios e declarações como qualquer rapariga da minha idade que viva na capital. Posso até dizer-lhes de antemão, caso seja homem da espécie que eu atraio, o que o meu apaixonado me dirá, e como o fará, na nossa primeira, segunda, terceira ou qualquer outra entrevista à vossa escolha. Já por diversas vezes estive noiva, e desmanchei sempre o casamento, umas vezes por pensar que queriam que eu o fizesse, outras obrigando-os a desistir mostrando-lhes que assim o desejava. No primeiro caso, ficava *eu* pesarosa; no segundo, cabia-lhe a vez, a *ele*. Contudo, apesar dos nossos sentimentos, a noção de alívio ao libertarmo-nos era geralmente igual de ambos os lados.

Suponho que vocês - sejam quem forem - conhecem agora perfeitamente a minha maneira de ser, ou estão, pelo menos, convencidos de que a conhecem. Pois bem, podem gabar-se à vontade, mas deixem-me dizer-lhes que o *flirt* é o único divertimento que nunca me dou ao trabalho de procurar e que nunca me preocupei em aprender. Gosto de vestidos, da dança e do «tennis», precisamente como vocês imaginavam; aprecio também muito a boa música, os bons livros, a botânica, a lavoura e a arte de ensinar as crianças, justamente ao contrário do que vocês supunham. E se, na nossa região, sou mais conhecida como uma beldade e uma namorada que como botânica ou professora, é porque ninguém quer convencer-se de que tenho no mundo outra qualquer preocupação que não seja a de fazer um casamento vantajoso. Os homens, até os mais simpáticos, procuram a minha companhia para contemplarem avidamente o meu rosto e a minha figura, e não com o fim de cultivar a inteligência. Costumava deitar-me com a ideia de que tinha na mão o poder de os torturar; afinal, porém, vim a descobrir que, em virtude de eles gostarem da tortura como as crianças gostam que se lhes façam cócegas, empunhar o meu cetro significava apenas trabalhar arduamente para divertimento alheio. Se não fossem os rapazinhos ingênuos que me olham sofregamente, mas que na verdade me adoram - pobres rapazes! - e alguns rematados pedantes, sempre prontos a procurar plantas e a cantar duetos das sinfonias de Haydn, podia contar as horas que passo na companhia do sexo masculino como as mais aborrecidas da minha vida.

Numa tarde de Outubro, soube por telegrama de uns amigos residentes na nossa capital de província, a vinte e cinco milhas por caminho de ferro, que estes tinham camarote para a ópera, destinando-me um lugar. (No caso de serem londrinas, devo dizer-lhes que as companhias de ópera dão espectáculos pelas províncias, exactamente como as companhias de outros géneros de teatro, e são, muitas vezes, mais apreciadas ali que em Londres). Havia unicamente tempo para descer as escadas em correria, pôr-me bonita, engolir uma chávena de chá e apanhar o combóio das 6,50. Fui só. Se não estivesse habituada a sair só, estaria simplesmente condenada a ficar sempre metida em casa. Os meus irmãos têm mais que fazer e não podem servir-me de lacaios. Os pais são demasiado idosos e simples nos seus gostos e não estão dispostos a ser arrastados aos divertimentos duma rapariga ou a deitar-se tão tarde como ela; com respeito a criadas, já me dá que fazer tomar conta de mim própria e, por isso, não me convém ter ainda a meu cargo o cuidado de outra pessoa adulta. Para mais, viajar de combóio, na minha região, é como estar em nossa casa. Todos os revisores nos conhecem tão bem como as próprias famílias. Assim, é escusado pôr as mãos na cabeça perante a minha leviandade, por habitualmente tomar o combóio para ir à cidade e entrar em seguida num carro que me leva ao teatro, onde encontro o camarote dos amigos, voltar para a

estação também de carro e - inconveniência máxima! - regressar, de noite, no combóio das onze e meia, tudo isto sem dama de companhia ou escolta.

Cantava-se a ópera «D. João», e é claro que foi um logro lastimoso. A maioria dos espectáculos líricos são, para os que conhecem música, o bastante para lerem as óperas, tal como outros lêem Shakespeare.

O D. João era um afectado francês, com uma voz sem entoação, melancólica, nasalada e com tais «trémulos», que nunca sustentou firme uma nota o tempo suficiente para nos deixar perceber se estava ou não afinada. Leporello, um atarracado e vulgar cómico italiano, grasnava em vez de cantar. O tenor, criatura com voz de cana rachada, omitiu o trecho «Dali sua pace» por não ter a certeza de poder aguentar a nota. Os papéis de Massetto e do Comendador foram representados pela mesma pessoa: creio que pelo rapazinho que costuma ir aos camarins chamar os actores. Quanto às mulheres, D. Ana era de avantajado arcaboço e andava à volta dos cinquenta; Elvira, um soprano «dramático», lacrimoso, arfante, cuja voz eu receava sempre ir-lhe faltar, quando procurava dar o dó-de-peito; Zerlina, uma principiante na sua digressão de estreia, acabava «Batti, batti» e «Vedrai carino» com cadências tiradas da cena de loucura da «Lucia de Lammermoor», o que lhe valeu ser bisada em ambos. A orquestra era reforçada por instrumentos da banda do regimento dos Hussardos Io. Toda a gente estava encantada, e, quando eu disse que não participava da opinião geral, responderam-me: «Ora, és tão amiga de criticar e tão difícil de satisfazer! Não compreendes que te terias divertido muito mais se não fosses tão exigente?». Que ideia desperdiçar música como a de Mozart com semelhantes idiotas!

Quando o mandarete e o francês caíram num precipício de fogo vermelho, ao som dos estrépitos, dos clarins dos Hussardos Io e do grasnar da atarracada criatura debaixo da mesa, levantei-me para partir, aborrecida e desiludida, admirando que houvesse pessoas que pagassem preços exorbitantes para ouvir óperas mutiladas e maltratadas como ninguém suportaria que se mutilasse e maltratasse uma comédia moderna ou uma peça como Box e Cox.

Chovia a cântaros quando saímos, e tivemos ainda de esperar uns bons dez minutos, antes que eu pudesse arranjar carro. A demora arrepiava-me, porque temia perder o último combóio, e, embora tivesse acalmado um pouco, quando o apanhei com três minutos de avanço, não fiquei de muito bom humor no momento em que o chefe da estação me fechou sozinha num compartimento de I.^a classe.

A princípio, recostei-me num canto e tentei dormir. Mas o combóio mal saíra da estação quando a sereia de nevoeiro deu o alarme, e parámos. Enquanto esperava, bem acordada e muito aborrecida, que prosseguíssemos viagem, um monótono cair de chuva de encontro aos vidros fez-me voltar para a janela, onde, por a noite estar escura como breu, não vi senão o reflexo do interior da carruagem, incluindo, é claro, eu própria. E nunca na minha vida parecera mais bela! Estava linda, positivamente linda! A primeira sensação que experimentei foi a da vaidade satisfeita. Em seguida, veio o aborrecimento de que tudo fosse desperdiçado, visto não se encontrar ninguém na carruagem para me admirar. No caso de você, leitor desdenhoso, ser tão feio que nunca lhe valesse a pena estudar o assunto da beleza, deixe-me dizer-lhe que mesmo as pessoas formosas só de quando em quando parecem verdadeiramente bonitas e interessantes. Há dias desanimadores em que se está, comparativamente, indigno de ser olhado, e dias festivos em que se está irresistível, em que não conseguimos fitar os nossos olhos nem o nosso rosto sem emoção. Mas isto não acontece sempre: quantidade alguma de sabão, água, pinturas, pó de arroz, penteados ou trajos, trarão a beleza. Quando esta aparece, a vida é digna de ser vivida, excepto se acontece o que justamente acontecia comigo no momento a que me refiro: não termos ninguém para nos admirar, por estarmos sozinhos, num sítio isolado ou junto da família que, muito naturalmente, pouco se

preocupa com o nosso físico. Contudo, o verificar que estava muito bonita dispôs-me bem e evitou-me uma constipação, pois costumo sempre apanhar um resfriamento, quando chego a casa tarde e mal disposta.

Ouviu-se, por fim, estridente ruído de correntes e choque de molas, o que significava que um combóio de mercadorias estava sendo desviado do caminho. Partimos com violento solavanco. Sentando-me no meu canto com o rosto voltado para a janela, fiquei a olhar-me longamente. Reparem bem: não fechei os olhos nem um momento; estava tão acordada como estou neste instante. Pensei numa infinidade de coisas, conservando-se-me a ópera durante muito tempo na ideia. Lembrou-me até que, se D. João me houvesse encontrado, eu deveria tê-lo compreendido melhor que as outras mulheres e ter-nos-íamos dado como Deus com os anjos. Em todo o caso, cheguei à conclusão de que ele não brincaria comigo tão facilmente como fizera com elas, principalmente se se assemelhasse ao francês dos «trémulos». É possível, no entanto, que o verdadeiro D. João tenha sido qualquer coisa de muito diferente, porque a experiência tem-me ensinado que aqueles que disputam grande admiração frequentemente se deixam persuadir por palavras lisonjeiras ou por excessivas atenções, julgando-se apaixonados por pessoas em quem nunca teriam pensado, se elas os houvessem deixado em paz.

Tinha chegado a este ponto da minha meditação quando voltei a cabeça, não sei porquê, pois certamente não esperava ver ali ninguém. E eis que descobri, sentado defronte de mim, um homem. Estava envolto numa capa de magnífico tecido cor de púrpura. Caía em pregas elegantes e parecia dever durar uma vida inteira, tão bonita ao acabar como no momento da compra. A cabeça do desconhecido estava coberta por um grande e primoroso chapéu de feltro preto, do feitio duma roda de carro. As botas, que lhe chegavam aos joelhos, eram de cabedal macio, cor de abrunho maduro. Nunca vi nada assim, se exceptuar um par de sapatos que comprei certo dia em Paris, por quarenta francos, e que mais pareciam pele de criança que cabedal. Como último pormenor, trazia espada com bainha de oiro liso, mas de tal forma modelada, que era um verdadeiro tesouro e um encanto para os olhos. Não saberia dizer por que reparava em tudo isto, antes de me admirar de ver ali aquele homem e de pensar como teria entrado, mas o que é facto é que as coisas se passaram como eu estou contando. É possível, evidentemente, que ele viesse de algum baile de máscaras e tivesse entrado na carruagem quando o combóio parou fora da estação. Mas, ao aventurar-me a lançar casualmente um rápido olhar para o rosto do desconhecido - porque não preciso dizer que a rapariga experiente não começa por olhar de frente um homem, ao encontrar-se sozinha na sua companhia, numa carruagem de caminho de ferro, - desapareceu imediatamente a ideia de o relacionar com coisa tão imbecil como é um baile de máscaras. O rosto, que olhava para o espaço, sem parecer ver-me, era resoluto, tranquilo, fino. Senti-me inexplicavelmente insignificante, embora lembrasse com humilde gratidão que estava num dos momentos mais felizes. Ocorreu-me, então, ser um disparate aquilo que eu sentia: ele não passava de um homem. Mal despertou em mim esse sentimento inferior, digamos assim, logo súbito horror se apoderou de todo o meu ser. Creio até que cheguei a ponto de esboçar o gesto de me precipitar para a campainha de alarme, quando leve franzir de sobrancelhas, como se o tivesse incomodado, me mostrou, pela primeira vez, que o meu companheiro se apercebera da minha existência.

- Por favor, esteja quieta - disse, com voz calma, harmoniosa, que se ajustava perfeitamente ao seu rosto, e falando, até nesse momento o notei, sem dar mais mostras de reparar na minha beleza do que se eu fosse uma travessa rapariguinha de dez ou onze anos. - Considere-se sozinha. Eu sou unicamente aquilo a que os mortais chamam fantasma e não tenho o menor interesse em me intrometer consigo.

- Um fantasma!... - gaguejei, tentando conservar o sangue frio e fingir não acreditar em almas penadas.

- Para se convencer, é melhor passar o leque pelo meu braço - disse friamente, apresentando o cotovelo e fitando-me.

A língua colou-se-me ao céu da boca. Passou-me pela cabeça que, se não fizesse nada para afastar esse momento de terror, o cabelo me ficaria branco. E nada de pior podia acontecer-me. Coloquei-lhe o leque fechado sobre a manga e ele atravessou-a como se o braço não existisse; dei um grito como se o leque fosse uma lamina espetada na minha própria carne. O espírito mostrava-se profundamente contrariado e disse, com um ar de desprezo:

- Desde que a incomodo, o melhor que tenho a fazer é procurar outra carruagem.

E não me restam dúvidas de que teria então desaparecido, se eu, nessa altura, tentando agarrar a capa insubstancial, não dissesse, quase a chorar

- Oh, não, não! Por favor, não! Não me atrevo a ficar aqui sozinha, depois de o ter visto.

O fantasma não chegou bem a sorrir, mas tornou-se um pouco mais humano nas suas maneiras, olhando-me com qualquer coisa entre piedade e interesse.

- Ficarei consigo, se isso lhe poupa qualquer inquietação - disse. - Mas deve portar-se como uma senhora educada e não gritar.

Não se inventou ainda o microscópio que há-de tornar visível qualquer criatura mais pequena do que eu me senti então.

- Perdoe-me, senhor - respondi cobardemente. - É falta de hábito.

Depois, para mudar de assunto, pois ele não prestara atenção alguma à minha desculpa, acrescentei:

- Parece tão impossível que viaje de combóio!...

- Porquê?

- Não é realmente mais estranho, quando se pensa no caso, do que muitas outras coisas que todos os dias são tomadas como naturais - retorqui, tentando debilmente mostrar-lhe que era afinal uma senhora educada. - Mas não iria mais depressa, quero dizer, mais rapidamente, se voasse?

- Voar! - repetiu gravemente o espírito. - Sou, porventura, algum pássaro?

- Não, que ideia! Mas julgava que um espírito podia... não exactamente voar, mas projectar-se através da atmosfera por qualquer forma, e... isto é, não estando sujeito a certas condições de tempo e espaço.

Ainda as palavras não me tinham saído da boca já me sentia espantosamente atrevida. Mas o atrevimento parecia agradar-lhe. Respondeu muito amavelmente:

- Sim, com efeito, posso mover-me de lugar para lugar, projectar-me, como diz. Mas o combóio poupa-me a maçada.

- Mas não é mais lento?

- Como tenho a eternidade ao meu dispor, a pressa não é muita...

Compreendi que fora tola em não ter visto isso.

- Pois claro - disse. - Desculpe a minha estupidez.

Franziu de novo as sobancelhas e agitou um pouco a capa. Em seguida, disse severamente:

- Estou disposto a responder às suas perguntas e ajudá-la em tudo que puder. Devo, porem, preveni-la de que satisfações, desculpas, arrependimentos e explicações desnecessárias, são-me fastidiosas. Tenha, pois, a bondade de se recordar de que nenhum acto seu poderá injuriar-me, ofender-me ou aborrecer-me. Se for estúpida ou pouco sincera, será desnecessário para mim conversar consigo. Eis tudo

Quando me recompus um pouco da repreensão, atrevi-me a dizer:

- Devo continuar a fazer-lhe perguntas? Há uma tradição que nos diz ser isso necessário com espi... com pessoas de... com senhoras e cavalheiros do outro mundo...

- Do outro mundo! - disse ele, admirado. Que outro mundo?

Senti-me corar, mas não me atrevi a pedir desculpa.

- Geralmente, é necessário fazer perguntas aos espíritos, porque - disse o fantasma - eles não tem o menor desejo de conversar com os vivos e, ainda que assim não fosse, não estão suficientemente em contacto com eles para adivinhar o que podem interessar-lhes. Ao mesmo tempo, como o saber é um direito comum a todos, nenhum espírito que não seja naturalmente ladrão ou avarento recusará uma informação a quem lha pedir. Mas não deve esperar que sejamos nós a oferecer-lhe uma conversa fortuita.

- Porquê? - disse eu, sentindo-me um pouco revoltada sob essa fria superioridade.

- Porque não tenho o mais pequeno interesse em ser-lhe agradável.

- Lamento muito - retorqui, mas não me lembro de nada para perguntar.

Havia muitas coisas que gostaria de saber, se conseguisse recordá-las. Pelo menos, aquelas que me ocorrem parecem-me tão indiscretas e indiferentes!

- Se lhe parecem isso depois de considerar devidamente a minha imaterialidade, é decerto imbecil - disse ele, calma e suavemente, como um médico comunicando-me um sintoma de doença.

- Não duvido que o seja - continuei eu, começando a exaltar-me. - Contudo, se não quer falar com delicadeza, pode guardar para si todas as suas informações.

- Diga em que a ofendi, e esforçar-me-ei por evitar faze-lo - retorquiu o espectro, nada irritado. - Faria melhor em me interrogar, porque deve lembrar-se de que entre um espírito de alguns séculos e uma rapariga de vinte anos não pode haver questão de boas maneiras.

Mostrava-se tão adoravelmente paciente no seu desprezo por mim, que me submeti. Além disso, eu era quatro anos mais velha do que ele pensava.

- Gostaria de saber, por favor, quem é, ou por outra, quem era, e se custa muito morrer. Espero que o assunto não lhe seja penoso. Se assim for...

Não esperou pelo resto das minhas ridículas hesitações.

- A minha experiência da morte foi tão especial - disse ele - que, realmente, não sou autoridade na matéria. Eu era um fidalgo espanhol, muito mais civilizado que a maior parte dos meus contemporâneos, os quais se mostravam vingativos, supersticiosos, cruéis, glutões, brutais, intensamente impregnados das tradições de raça, incrivelmente imbecis quando apaixonados, intelectualmente desonestos e cobardes. Consideravam-me excêntrico falho de sinceridade e destituído de senso moral.

Respirei fundo, vencida pela sua surpreendente eloquência.

- Apesar de ser o último da família Tenório, alguns membros da qual haviam exercido, durante muitas gerações, cargos oficiais na corte, recusei desperdiçar o meu tempo como lacaio titulado; em vista da minha recusa ser, de acordo com as ideias do tempo e da minha classe, extremamente inconveniente, consideraram-me causador da minha própria desgraça. Ora este facto incomodou-me muito pouco. Tinha dinheiro, saúde, e era senhor de mim próprio em todo o sentido. A leitura, as viagens e a aventura, tornaram-se as minhas ocupações favoritas. Na mocidade e no princípio da juventude, a indiferença pelas opiniões convencionais e um tacto humoristicamente cínico na conversação granjearam-me, da parte das pessoas severas, os nomes de ateu e libertino; mas, na realidade, não era mais que um estudioso e bastante romântico livre-pensador. Em raras ocasiões uma ou outra mulher despertara a minha jovem fantasia, e eu adorava-a à distância, por muito tempo, sem ousar jamais procurar conhece-la. Se, por qualquer razão, era arrastado para a sua convivência, mostrava-me tímido, crédulo, cavalheirescamente respeitoso, sem me atrever a manifestar o que sentia, apesar de os outros verem muito bem que eu estava sendo fortemente provocado. E, ao fim e ao cabo, algum cavaleiro mais experimentado recebia o prémio, sem uma palavra de protesto da minha parte. Até que, um dia, uma senhora viúva, cuja casa visitei algumas vezes e de cujos sentimentos a meu respeito não tinha a mais leve suspeita, desesperou-se com a minha estupidez e, uma noite, atirou-se para os meus braços, confessando a paixão que por mim sentia. A surpresa, a vaidade, a inexperiência e a sua bela angústia, venceram-me. Era incapaz da brutalidade de a repelir; e, na verdade, durante aproximadamente um mês, gozei sem escrúpulo o prazer que ela me deu, procurando a sua companhia, à falta de melhor. Foi este o meu primeiro amor não platónico. Embora, durante cerca de dois anos, a senhora não tivesse nada a dizer da minha fidelidade, encontrei o lado romântico das nossas relações, que nela parecia não afrouxar nunca, enfadonho e absurdo. Vi-me até forçado a fingir ímpetos de paixão, excepto nos raros momentos em que o poder do amor a tornava linda de corpo e alma. Infelizmente, mal perdera as ilusões, a timidez e a pueril curiosidade acerca das mulheres, comecei a atraí-las irresistivelmente. A minha alegria ao descobrir isto, em breve se tornou aborrecimento. Tornei-me objecto de furiosos ciúmes. Apesar do supremo tacto que punha em jogo, não houve um único dos meus amigos casados com quem, mais cedo ou mais tarde, não me encontrasse num infundado duelo. O meu criado divertia-se a fazer uma lista das minhas conquistas, não sonhando, sequer, que eu nunca me aproveitava delas, muito menos supondo que a minha preferência pelas admiradoras novas e solteiras - de que zombava tanto quanto ousava - provinha do facto da sua inocência e timidez não lhes permitir atrevimentos que muitas matronas conhecidas se arrogavam o direito de ter quando percebiam que não deviam esperá-los de mim. Livrei-me várias vezes de situações desagradáveis, fugindo das localidades, método este de salvação que os hábitos de vagabundo me tornaram fácil, mas que receio me acarretasse também o descrédito devido aos vadios. Com o decorrer do tempo, a tola opinião do criado a meu respeito começou a propalar-se, e, por fim, reputaram-me incorrigível dissoluto, sendo neste papel superiormente fascinador para a mulher que mais temia. Reputações como esta crescem à medida que se espalham, como as bolas de neve. Histórias absurdas a meu respeito faziam parte da tagarelice do dia. A família repudiou-me, e eu herdara bastante egotismo

espanhol para desdenhar quaisquer tentativas de reconciliação. Pouco depois, caí debaixo da alçada da lei. Uma rapariga severamente piedosa, filha do Comendador de Sevilha, estava noiva dum amigo meu. Cheia do que ouvira sobre a minha pessoa, sentia a maior repulsão por mim, o que o meu amigo sempre me ocultou, desejoso de poupar os meus sentimentos. Certo dia, concebi a infeliz ideia de travar conhecimento com a sua futura esposa. Sob pretexto dum suposto laço de sangue entre a família do Comendador e a minha, aventurei-me a visitá-la. Era bastante tarde quando fui admitido à sua presença, e, no escuro, confundi-me com o meu amigo, recebendo-me com um abraço. Os meus protestos desenganaram-na; porém, em lugar de pedir desculpa pelo engano que eu próprio não entendi senão mais tarde, deu alarme e, quando o pai chegou de espada em punho, acusou-me de ter ido insultá-la. O Comendador, sem esperar explicações, adiantou-se, decidido a dar-me golpe certo e a matar-me, o que teria decerto acontecido, se eu, em legítima defesa, não o tivesse trespassado de lado a lado. Já confessou, depois disso, que não estava ao lado da razão, e hoje somos até muito bons amigos, especialmente por eu não haver nunca feito alarde da minha superioridade como esgrimista, mas ter, pelo contrário, concordado em que dera apenas umas estocadas felizes nas trevas. Contudo, para não antecipar, direi que mal sobreviveu cinco minutos ao golpe. E o meu criado e eu tivemos de apelar para as nossas pernas, para não sermos assassinados pela família.

«Infelizmente para mim, porém, a filha era, mesmo para uma católica espanhola, invulgarmente virtuosa e vingativa. Quando os vereadores de Sevilha erigiram uma bela estátua equestre à memória do pai, ela, por meio de alguns presentes habilmente distribuídos, conseguiu que a maioria do Conselho apoiasse a moção pela qual se pedia que numa das faces do pedestal se gravasse que o Comendador esperava a vingança do Céu para o seu assassino. Fez tão grande alarido e de tal maneira me perseguiu de lugar em lugar, que os oficiais de justiça várias vezes instaram comigo para que eu sáísse da sua jurisdição a fim de não se verem obrigados pelos esforços dela e pela opinião pública a cumprir o seu dever, prendendo-me, apesar da posição social que eu desfrutava. Recusou-se ela ainda a casar com o meu amigo, enquanto eu não expiasse o crime, como lhe chamava. O pobre Otávio, cujo génio era pacífico e razoável, e que não estava de maneira nenhuma desgostoso por se ver livre dum sogro irritável e arbitrário, sabia perfeitamente que a noiva era tão culpada como eu. Assim, enquanto junto da rapariga jurava por todos os santos não tornar a embainhar a espada enquanto não tivesse tinta de sangue do meu coração, particularmente trazia-me bem informado de todos os movimentos da filha do Comendador, e, embora a seguisse como um cão - porque a amava muito, - esforçava-se por que os nossos caminhos não se cruzassem.

«Por fim, a minha absurda reputação, as admiradoras e os perseguidores sevilhanos tornaram-se tão enfadonhos, que resolvi desembaraçar-me de todos eles num instante, estabelecendo-me como respeitável chefe de família. Na esperança de que as mulheres da Castela Velha fossem menos inconvenientemente susceptíveis que as da Andaluzia, fui para Burgos e aí travei conhecimento com uma rapariga que acabara de sair dum convento tendo concluído a sua educação. Certificando-me de que era séria e sem simpatia especial por mim ou por qualquer outra pessoa, desposei-a. Tranquilidade e vagar para estudo, não felicidade, eram o meu objectivo. Porém, mal ela descobriu - por instinto, segundo creio - que eu não a havia desposado por amor e que não tinha ideias muito elevadas acerca da sua inteligência, tornou-se loucamente ciumenta. Só aqueles que foram espreitados por uma esposa ciosa podem imaginar como é intolerável essa espionagem. Suportei-a sem uma palavra ou um gesto, e ela, como era de esperar, nada descobriu. Depois começou a torturar-se, pedindo informações a amigos que tinham correspondentes em Sevilha. E os relatos que recebeu atormentaram-na a tal ponto, que em breve compreendi estar realmente a matá-la pouco a pouco, como ela dizia. Certa ocasião, rompeu as barreiras

que a minha presença lhe impunha e chegou a dizer que morreria, se eu não lhe confessasse as minhas infidelidades ou não lhe provasse que a amava. Ora, eu não tinha nada para confessar e, com respeito a amá-la, só a extrema relutância que sentia em mortificar qualquer pessoa tornava possível esconder quanto, nessa altura, a sua presença já me importunava. Evidentemente havia apenas um caminho a seguir: a fuga. Algum tempo antes, para lhe agradar, despedira o meu criado, pois Elvira suspeitara ser ele o intermediário entre mim e as minhas imaginárias amantes. No entanto, conservava-o ainda sob as minhas ordens e sabia-o absolutamente pronto a recomeçar a vida de vagabundagem, visto haver sido também arrastado para a beira do matrimónio por tolas intrigas. Recebendo um recado meu, veio a nossa casa e continuou nas suas manobras para fazer desconfiar minha mulher de que eu tinha naquela tarde uma entrevista na catedral; e, enquanto ela esperava lá por mim, embrulhou as minhas pistolas juntamente com alguma roupa e foi ter comigo, antes do pôr-do-sol, à estrada de Sevilha. De Burgos a Sevilha vão cem léguas espanholas, a voo de corvo. E, como naquele tempo não existiam comboios, não acreditava que minha mulher pudesse seguir-me tão longe, embora adivinhasse o destino que eu tomara.

«Ao voltar a cabeça do cavalo para o sul, Burgos parecia-me, como realmente era: um triste foco de beatério, com grades de ferro em todas as portas. E Sevilha, que despontava no horizonte, um país de fadas. Chegámos a porto de salvamento, mas em breve tive ocasião de verificar que a minha antiga sorte me havia abandonado. Uma tarde, na rua, vi uma senhora que me pareceu aflita. Corri em seu auxílio, e descobri que era a minha mulher!... Enquanto me pedia explicações acerca da minha fuga, procurava-as eu no fundo da imaginação, compreendendo quão brutal e incompreensível seria para ela a verdade nua e crua. Sem saber que dizer, mandei-a para o meu criado, dizendo-lhe que este lhe contaria a história com todos os seus pormenores. Ao ver a sua atenção presa por Leporello, escapei-me. Mal eu virara costas, receoso duma possível reconciliação entre nós, que o obrigasse a voltar comigo para Burgos, o maroto mostrou-lhe a antiga lista das minhas conquistas, incluindo mil e três só em Espanha e muitas em países que eu nunca visitara. Elvira, que jamais acreditaria em qualquer declaração verdadeira a meu respeito, aceitou as evidentemente impossíveis mil e três conquistas, com espantosa credulidade. A lista continha os nomes de seis mulheres que, sem dúvida, haviam estado violentamente apaixonadas por mim, e umas quinze a quem eu dirigira um ou dois galanteios. O resto não passava de mentira, tendo sido muitos os nomes copiados dos livros de apontamentos do pai do meu criado, que era taberneiro.

«Depois de Leporello forjar o maior numero possível de mal-entendidos entre mim e minha mulher, desembaraçou-se dela, pondo-se simplesmente em fuga. Entretanto, havia-me eu retirado para uma casa que possuía no campo, onde tentava distrair-me, convivendo com os camponeses. A sua simplicidade interessou-me a princípio, mas depressa me entristeceu. Além disso a minha má sorte continuava a perseguir-me. Certo dia, passeando na praça da aldeia, dei de cara com a filha do Comendador, ainda de luto pesado, o que lhe ficava muito mal, seguida do pobre Otávio. Felizmente, não me reconheceu à clara luz do dia. E poderia ter-me afastado com uma ou duas palavras de cortesia e uma troca particular de sinais com Otávio, se a minha mulher não tivesse, segundo parecia, caído ali das nuvens, começando a insultar-me violentamente. Tivesse-se ela dominado um pouco, e desmascarar-me-ia à primeira palavra a D. Ana, a noiva de Otávio, mas estava fora de si, o que eu disse muito simplesmente. Ao ouvir-me, afastou-se enfurecida, e eu atrás dela. Uma vez longe de Ana e sabendo que nada poderia fazer por Elvira, dirigi-me para casa o mais depressa que pude. Havia convidado os meus amigos camponeses para um baile nessa noite, aproveitando a ocasião de um casamento de dois rendeiros meus, que estavam a gozar uma reunião muito agradável, à custa dos meus tapetes, mobília e adega. Se não fosse isso, teria deixado o lugar imediatamente. Assim, resolvi só partir na manhã seguinte, muito cedo. Entretanto, o que me restava fazer era mudar de fato e receber o mais amavelmente possível os meus hóspedes, que,

desaparecido o primeiro acanhamento, se mostravam barulhentos e rudes. No entanto a atenção em breve me foi desviada deles pela entrada de três desconhecidos mascarados, nos quais imediatamente reconheci minha mulher, Ana e Otávio. É claro que, fingindo não os conhecer, desejei-lhes as boas vindas e continuei a dançar. Otávio, dentro em breve, conseguiu fazer-me chegar às mãos um bilhete, em que me dizia ter Ana, de repente, reconhecido a minha voz e haver procurado Elvira por todos os lados, para lhe contar os seus agravos. Tinham-se tornado grandes amigas e insistido em ir mascaradas à minha festa a fim de me denunciar aos convidados. Não conseguira dissuadi-las, e o único alvitre que me podia apresentar, caso eu visse possibilidade de fugir, era provocar uma questão e atravessar-se no meu caminho, como se fosse um adversário, mas auxiliando-me tanto quanto os olhos de Ana sobre ele o permitissem.

«Nesta altura já a paciência se me esgotara. Mandeí Leporello buscar as pistolas e guardá-las no bolso. Juntei-me em seguida aos dançarinos, tomando por par a noiva camponesa, a quem até aí evitara com cuidado, pois o noivo era atreito ao ciúme e ela havia mostrado alguns sinais de sucumbir à infernal fascinação que eu, a despeito de mim próprio, exercia ainda. Experimentei dançar com ela um minueto: foi um fracasso. Então, passámos para outra sala e tentámos valsar: também isso estava para além do seu rústico saber; mas quando nos associámos a uma dança popular desempenhou-se tão entusiasticamente da sua missão, que em breve tive de lhe procurar lugar numa das salas mais pequenas. Reparei em que as minhas duas belas mascaradas observavam a nossa retirada com grande exaltação. Voltando-me então para a rapariga e falando pela primeira vez com ares de *grand seigneur*, ordenei-lhe que me obedecesse imediatamente em tudo quanto eu lhe ordenasse. Em seguida, dirigi-me para a porta; fechei-a e esperei. Não tardou que Leporello entrasse precipitadamente rogando-me, por amor de Deus, que visse o que fazia, pois a minha conduta estava sendo muito comentada lá fora. Retorqui severamente que entregasse à rapariga uma moeda de ouro como recompensa de obedecer às minhas ordens. Feito isto, disse à camponesa: «Grite, grite como um demónio!». Hesitou. Mas Leporello, vendo que eu não estava para brincadeiras, beliscou-lhe o braço, e ela gritou então, não como um, mas como um milhão de demónios. Nesse momento, foi a porta aberta violentamente pelo noivo e os seus amigos e, com grande algazarra, lutamos então todos no salão. Se não fosse Otávio, que, assumindo a chefia, vibrava a espada, exprobrando ao mesmo tempo o meu procedimento, eles poderiam ter cobrado coragem para me atacar. Respondi-lhe que se qualquer coisa havia sucedido a rapariga, fora obra de Leporello. Nesta altura, a tempestade de ameaças e denúncias cresceu a tal ponto que, por momentos, quase perdi a cabeça. Quando me recompus, desaparecera toda a moderação. Aproximei-me deles, e teria feito qualquer disparate, se não fosse a insistência com que Otávio se conservava na minha frente. Por fim Leporello apresentou as pistolas e alcançamos a porta, largando o rapaz numa corrida louca. Após um momento de hesitação, segui-lhe o exemplo; alugamos ambos cavalos na pousada mais próxima e chegámos a Sevilha sãos e salvos.

«Durante algum tempo, vivi então em paz. Uma tarde, porem, minha mulher descobriu-me duma janela e chamou-me. Contudo, depois duma troca de palavras amáveis, desembaracei-me dela com a promessa de que voltaríamos para nossa casa. Disfarcei Leporello, envolvendo-o na minha capa, ordenando-lhe que guardasse discreto silêncio durante o caminho, e mandei-o em vez de mim. Elvira descobriu o ardil. Para se vingar, e porque, como toda a mulher ciumenta, era demasiado vaidosa para suspeitar que eu a evitava simplesmente por a sua presença me desagradar, espalhou o boato de que a tinha mandado sair com Leporello a fim de, na sua ausência, poder cortejar a criada, afirmação sem fundamento algum, mas que foi geralmente acreditada.

«Chego agora ao curioso incidente que provocou a minha morte. Nessa mesma tarde, Leporello, tendo

escapado a minha mulher, juntou-se comigo na praça, ao pé da estátua do Comendador, da qual falei a propósito da inscrição da Câmara Municipal. No decorrer da conversa aconteceu que eu me ri. Imediatamente, perante o meu espanto, o Comendador, ou antes, a sua estátua, queixou-se de que eu estava a fazer um distúrbio impróprio. Leporello, que o ouviu distintamente, ficou aterrado; até que eu, aborrecido com esta cobardia, o obriguei a aproximar-se da estátua e a ler a inscrição, da mesma maneira que forçara muitas vezes um cavalo assustado a ir ao encontro do objecto do seu temor. Mas a inscrição não tranquilizou o pobrezinho. E quando, para dar à questão um aspecto ridículo, pretendi que ele convidasse a estátua a vir cear connosco, Leporello tentou persuadir-me de que o homem de pedra baixara a cabeça em sinal de assentimento. A minha curiosidade estava agora grandemente excitada. Observei com cuidado a estátua e perguntei-lhe se sempre aparecia para cear. Ela respondeu: «Sim, lá estarei» numa voz estranha de garganta de pedra mas não agradeceu, o que se me afigurou mais surpreendente ainda, visto o Comendador pertencer à velha escola, pundonorosa na etiqueta. Alarme-me, julgando que endoidecia, ou então, visto Leporello ter ouvido a mesma voz, que estávamos ambos a sonhar. Depois, encontrei mais duas possíveis explicações para o caso: tínhamos jejuado desde o meio-dia, e, ou nos encontrávamos, talvez, suficientemente famintos para ter visões e as pegarmos um ao outro, ou havia alguém que se divertia à nossa custa. Resolvi satisfazer a minha curiosidade nesse ponto, voltando no dia seguinte e examinando o lugar demoradamente. Entretanto, chegamos a casa e principiámos a ceia. De repente, e perante a minha extrema consternação, Elvira irrompeu na sala e, em vez das habituais censuras, suplicou-me, num apelo desconexo, que mudasse de vida. Primeiro, falei-lhe bondosamente; depois, tentei dissuadi-la da sua ansiedade histérica, rindo às gargalhadas; porém isso só serviu para a indignar. Afastou-se, por fim, mas logo voltou, gritando e fugindo na direcção da cozinha. Leporello, que se afastara para ver se alguma coisa lá fora a havia alarmado, voltou em grande pânico. Abriu a boca e deixou perceber qualquer coisa acerca da estátua se bem o entendi, tentando depois fechar a porta à chave. Em seguida, ouviram-se na porta fortes e impassíveis pancadas. Lembrei-me de que a casa estivesse a arder e que o guarda nocturno viesse dar alarme, pois, na realidade, ninguém neste mundo, a não ser um guarda nocturno, poderia dar tais pancadas. Abri a porta e encontrei a estátua de pé, no limiar. Nesta altura os meus nervos cederam. Perdi a fala e recuei. Ela seguiu-me um ou dois passos dentro de casa. Andava, e com as pernas ligeiramente tortas, devido ao tempo que estivera sobre o cavalo, os passos faziam estremecer a casa de tal modo, que, a cada passada, eu julgava ver o sobrado aluir e a estátua afundar-se, indo parar aos alicerces, o que não me daria o menor desgosto, apesar da grande verba que teria de destinar a reparações.

«Inútil convida-lo a sentar-se: nem uma única cadeira da casa teria suportado tal peso. Sem perda de tempo começou a falar com uma voz que vibrava cada vez mais dentro de mim. Eu tinha-o convidado para cear, disse, e ali estava. Não consegui balbuciar outra coisa, senão que me sentia encantado. Em seguida, com uma desculpa por me ter sentado sem o esperar, disse a Leporello que pusesse de novo a mesa, cismando ao mesmo tempo o que poderia comer aquele monstro de pedra sólida. Então, o Comendador respondeu que não nos importunaria com a sua presença e que, em lugar de cear comigo, levar-me-ia a cear com ele, caso eu tivesse coragem para o acompanhar. Não me sentisse eu tão medroso, que logo me haveria escusado com toda a polidez. Assim, consegui responder com ares arrogantes que estava pronto a acompanhá-lo onde quisesse e a fazer o que desejasse. Leporello desapareceu, mas eu podia ouvir-lhe os dentes que batiam como castanholas. E o som vinha de baixo da mesa. O monstro de pedra pediu-me então a mão, que lhe dei, continuando a fingir-me corajoso e forte como um herói. Assim que a mão de pedra prendeu a minha, atacou-me forte dor de cabeça, com repercussão nas costas, senti vertigens e uma extrema fraqueza. Suei profundamente e, falhando-me o poder de coordenar os movimentos, vi-me dobrado e cambaleante como homem atacado de ataxia nos locomotores. Tinha

consciência de visões e sons horríveis. A estátua parecia-me gritar duma maneira absurda: «Sim, sim», e eu, duma maneira igualmente absurda, berrava com toda a força: «Não, não», fantasiando que nos encontrávamos no Parlamento inglês, o qual visitara um dia nas minhas viagens. Subitamente, a estátua pisou uma tábua mais fraca e o soalho abateu por fim... Percorrera na minha queda cerca de vinte e cinco pés, quando o corpo pareceu desprender-se de mim, mergulhando no centro do universo. Em seguida, fui sacudido por uma forte convulsão, achando-me de surpresa no inferno, bem morto.

Aqui parou ele pela primeira vez. Os meus cabelos havia cinco minutos que tentavam eriçar-se. Teria dado qualquer coisa para poder gritar ou atirar-me da carruagem. Mas só gaguejei uma pergunta: como era o lugar que mencionara.

- Se me refiro a isso - replicou ele - faço-o com o fim único de me tornar compreensível à sua inteligência, precisamente como lhe apareço, de chapéu, capa e botas, ainda que estas coisas não façam parte da categoria a que pertenço actualmente. É possível que não me compreenda...

- Oh, perfeitamente - disse eu. - Interesse-me muito por leituras metafísicas.

- Nesse caso, deixo-a encontrar a resposta à sua pergunta por uma série de abstracções, cujo conteúdo terá oportunidade de verificar por experiência. Basta dizer-lhe que achei nesse «lugar», chamemos-lhe assim, uma sociedade composta principalmente de pessoas vulgares, histéricas, embrutecidas, fracas, inúteis, todas bem intencionadas, que mantinham a reputação do local, tornando-se a si próprias e aos outros tão infelizes quanto possível. Cansaram-me e aborreceram-me, e eu desconcertei-os por forma inexplicável. O Príncipe das trevas não é um cavalheiro, no bom sentido do termo. O saber e discernimento que possui são consideráveis no seu género, mas não ultrapassam o nível da sua gente. Fingia apreciar a minha companhia e conversa, e eu mostrava-me delicado para com ele, esforçando-me por não lhe fazer sentir a sua inferioridade. Todavia, tinha a impressão de que a cordialidade das nossas relações representava um esforço violento para ambos. Certo dia fui abordado por um companheiro do Príncipe, que, alegando respeitar-me demasiado para se aliar aos que pelas costas diziam mal de mim, me revelou ter o Príncipe declarado publicamente que a minha ida para ali fora um grande erro e que desejava do fundo do coração ver-me pelas costas, que desaparecesse nas profundezas do céu e que passasse por lá muito bem, deixando-o em paz.

«Era o máximo que se podia dizer em poucas palavras; dirigi-me imediatamente ao pai das mentiras, contando-lhe o que me tinham dito. Respondeu naquele tom grosseiro - que possuía o condão de me irritar - que o meu informador era um mentiroso; todavia, perante a minha recusa em aceitar tal explicação, desculpou-se do seu mau humor e assegurou-me, primeiro, que desejara a minha mudança para o céu, apenas por sinceramente pensar que eu me sentiria ali mais à vontade, num meio mais agradável, embora confessasse não partilhar da minha maneira de ver; segundo, por estar realmente convencido de que a minha ida para o inferno fora um engano, devido aquele velho idiota - era este o menor dos insultos com que mimoseava o Comendador de pedra - o haver intrujado acerca do meu carácter, fazendo com que eu entrasse na vida eterna pela porta de serviço. Perguntei porque, sendo assim, me detinha ainda em seu poder. A resposta foi que nunca me havia detido nem coisa que com isso se parecesse, acabando por exigir que eu lhe dissesse se alguém ou alguma coisa me havia servido de estorvo ou impedido de sair. Fiquei admirado e fiz-lhe mais uma pergunta:

«- Se o Inferno é, com efeito, a Mansão da Liberdade, por que não vão todos os demónios para o céu?

«A resposta que ele me deu só lhe será compreensível se eu lhe disser que os demónios não vão para o

céu, pela mesma razão por que os ingleses amadores de apostas não frequentam os Concertos Populares das segundas-feiras apesar de terem tanto direito a isso como qualquer outra pessoa. Mas o Diabo teve a condescendente indulgência de dizer que talvez o céu me conviesse. Preveniu-me de que o paraíso era composto de pessoas insensíveis, desdenhosas, afectadas e horivelmente áridas, tanto em conversas como em divertimentos. Contudo, poderia tentar a mudança, disse, e, se não me sentisse lá bem, voltaria quando quisesse. Teria sempre muito prazer em ver-me, embora eu não fosse bem o homem que o Comendador o havia feito supor. Acrescentou que fora desde o princípio contra a fantochada da estátua, visto esses disparates estarem fora de moda, e o continuar com eles servir apenas para ridicularizar o inferno. Concordei e despedi-me. Satanás respirava em face da perspectiva da minha partida, mas apreciava ainda bastante a minha opinião para me pedir que não fosse muito severo lá em cima, ao referir-me a ele e aos que o cercavam. Tinham os seus defeitos, rematou, mas, apesar de tudo, se eu carecesse dum coração sincero, de sentimentos verdadeiros, de franqueza, de graça robusta e sã, de amor a uma inocente jovialidade, deveria vir procura-los naquelas regiões infernais. Respondi-lhe com lealdade avisando-o de que não tencionava ali regressar, e acrescentei que ele era por demais inteligente para não compreender que eu tinha razão. Pareceu-me lisonjeado e separámo-nos afectuosamente. A sua grosseria causava-me arrepios, mas devo reconhecer que era perfeitamente natural naquela sua atitude e que a popularidade que usufrui não é de todo imerecida.

«Daí em diante, tenho viajado mais do que é habitual a pessoas nas minhas condições. Entre nós, a tentação de nos fixarmos, uma vez descoberta a esfera apropriada, é quase irresistível. Alguns, contudo, acham que ainda não encontraram o círculo que lhes convinha em absoluto. Eu, por exemplo, estou nesse caso; interesse-me ainda suficientemente pela terra para a visitar de quando em quando. Por esse motivo, somos olhados como excêntricos. De facto, os espectros são os lunáticos do que há pouco chamou «o outro mundo». Quanto a mim, trata-se duma simples mania que não satisfaço muitas vezes. Já lhe respondi às perguntas que fez acerca da minha identidade e dos sofrimentos que acompanharam a minha morte. Está satisfeita?

- Foi, realmente, muito amável da sua parte - repliquei, percebendo de súbito que, se me havia contado tudo aquilo, fora apenas por eu lhe ter pedido. No entanto, insisti: - Gostaria bastante de saber o que sucedeu a D. Ana e as outras personagens.

- D. Ana tratou com tal desvelo o noivo, durante uma ligeira doença de que este foi atacado, que o matou, circunstância que não causou grande pena ao meu amigo, porque lhe permitiu, enfim, descansar. Ana pôs novo luto e exibiu o seu desgosto até ultrapassar os quarenta anos, altura em que resolveu casar com um ministro presbiteriano, abandonando a Espanha. Elvira, encontrando as portas da sociedade fechadas, depois do seu casamento comigo, voltou por algum tempo para o convento. Mais tarde tentou desesperadamente casar de novo; mas, por qualquer eventualidade, não foi bem sucedida, ainda estou para saber porquê, pois era uma bonita mulher. Finalmente, viu-se obrigada a ganhar a vida, dando lições de canto. A camponesa, cujo nome esqueci, tornou-se algum tanto conhecida pela sua proficiência como lavadeira.

- Chamava-se Zerlina, não é verdade?

- É muito possível. Mas como sabe isso?

- Por tradição. D. João Tenório é muito lembrado. Há uma magnífica peça e uma belíssima ópera, baseadas na sua vida.

- Surpreende-me. Gostaria de assistir à representação dessas obras. Permita-me que lhe pergunte se fazem uma cópia fiel do meu carácter?

- Mostram que as mulheres costumavam apaixonar-se por si.

- Sem dúvida. Mas têm o cuidado de frisar que eu nunca me apaixonei por elas, que, sinceramente, fiz sempre o possível por lhes dar a noção do dever, e resisti, inflexível, às suas intenções amorosas? Está tudo isso exposto numa maneira clara?

- Não, senhor; infelizmente, fazem precisamente o contrário.

- É singular! Como a calúnia se agarra à reputação de um homem! Com que então, eu, eu sou conhecido e odiado pela humanidade como libertino!...

- Oh, odiado não, asseguro-lhe! É até muito popular. O público ficaria deveras desiludido se soubesse a verdade.

- Talvez... As esposas dos meus amigos, quando eu me recusava a fugir com elas ou as ameaçava de contar tudo aos maridos, se continuassem a perseguir-me, mimoseavam-me com alcunhas como estas: «animal de sangue frio», «banana», etc... Peixes e frutos andavam numa roda viva. Quem sabe se também não é da mesma opinião...

- Não sou, não - respondi. E então não sei o que se passou em mim, mas evidentemente ele não era como os outros homens; estendi a mão e continuei:

- Tem razão, não se tratava de verdadeiras mulheres. Se soubessem o que deviam a si próprias, nunca teriam revelado a sua paixão a um homem. Mau, eu... eu... eu amo...

Detive-me, paralisada pela luz que irradiava dos seus olhos espantados, fixos em mim.

- Até ao meu espectro!... - exclamou. - Não sabe, senhorita, que não fica bem às raparigas inglesas declararem-se a cavalheiros desconhecidos, de noite, numa carruagem de caminho de ferro?

- Sei muito bem, mas não me importo. É claro que não lhe teria dito tal coisa, se não fosse um espírito. Mas, assim, não resisti. Se ainda fosse de carne e osso, andaria a pé vinte milhas para o ver, e *fá-lo-ia* amar-me, apesar de toda a sua frieza.

- Exactamente o que elas costumavam dizer-me! Palavra por palavra, só com a diferença de que o diziam em espanhol! Espere: vai rodear-me timidamente o pescoço com os braços; perguntar-me por que não a amo, nem que seja só um pouquinho, e chorar tranquilamente no meu peito. É inútil: o meu pescoço e tronco fazem parte do pó de Sevilha. Quando quiser tentar tal coisa com um dos seus contemporâneos, lembre-se de que o seu peso, concentrado na nuca de um homem alto, fatigá-lo-à mais do que é razoável.

- Obrigada, não tinha tenção de fazer semelhante coisa. Outra pergunta ainda, antes que o combóio pare: quando vivia, estava tão seguro da sua fascinação como agora?

- No meu tempo costumavam chamar a isso vaidade. Não era vaidoso, visto ser um tímido por natureza, mas tanto me falaram da minha sedução, que acreditei nela; peço-lhe, porém, que note que apenas serviu para me amargurar a existência.

O combóio parou. Ele levantou-se e passou através da porta de madeira e vidro. Eu tive de esperar que o

revisor a abrisse. Baixei a janela e tentei apanhar uma palavra e um derradeiro olhar.

- Adeus, D. João! - disse.

- Adeus, menina inglesa. Encontrar-nos-emos de novo na eternidade.

Pergunto a mim mesma se isso acontecerá. Oxalá que sim.